

ERICO VERISSIMO E A NOÇÃO DE HISTÓRIA COMO UM ROSÁRIO DE CRIMES

Maria Cristina Ferreira dos Santos¹ (UFRGS)

*E não será a História sobre certos
aspectos um rosário de crimes?*

Erico Verissimo

RESUMO

O objetivo deste trabalho de pesquisa bibliográfica é mostrar, tomando como pressuposto teórico a obra *Israel em Abril*, que o escritor Erico Verissimo tem uma noção pessimista da História, evidente não apenas neste relato de viagem, mas em outros de seus romances. Além disso, a obra analisada fornece ao leitor um arsenal histórico sobre o judaísmo e sobre a criação do estado de Israel, ademais da discussão sobre memória e esquecimento, traumas e genocídios, e noções de identidade. O autor sul-rio-grandense nos fornece uma visão sobre os acontecimentos daquela parte do mundo, a partir de suas experiências e do tempo/espaço em que se encontra. A obra *Israel em Abril* é um grande patrimônio escrito sobre o estado de Israel na perspectiva de um exímio escritor brasileiro.

Palavras-chave: Israel, judaísmo, memória, história, esquecimento.

ABSTRACT

The objective of this bibliographic research is showing, taking as theoretical assumption Israel work in April, the Erico Verissimo writer has a pessimistic sense of history, evident not only in this travelogue, but in other of his novels. Moreover, the work analyzed provides the reader with a historical arsenal on Judaism and on the creation of the state of Israel, in addition to the discussion of memory and forgetting, trauma and genocide, and notions of identity and otherness. The author of Rio Grande gives us an insight into the events of that part of the world from their experiences and time / space he is in. The work *Israel em Abril* is a great written heritage of the state of Israel from the perspective of a expert Brazilian writer.

Keywords: Israel, Judaism, memory, history, oblivion

¹ Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutoranda na mesma instituição na linha de pesquisa Pós-colonialismo e Identidades.

Introdução

Em 1966, o escritor Erico Verissimo visitou Israel e, logo, reuniu suas impressões desta viagem, bem como seu conhecimento sobre a história do judaísmo e seus questionamentos sobre o destino deste povo e deste país, ademais de suas indagações sobre a História, a memória e o esquecimento no livro *Israel em Abril* (1969).

Um dos traços que mais chamam a atenção na narrativa de Erico é sua visão pessimista e crítica acerca da História Geral e da História do Judaísmo, ele não apenas discorre sobre os fatos, mas se posiciona diante deles, atribuindo um possível porvenir sobre o povo judeu e sua “nova” nação. Nem sempre suas ideias se concretizaram, mas o interessante é que, como escritor e indivíduo, ele mostrou sua alteridade neste fragmento de tempo em que esteve em Israel. Além disso, ele deixa evidente que sua maneira de conceber a História é totalmente influenciada pelo seu ser, pela carga de memória e esquecimento que traz consigo. Já no primeiro capítulo do livro é possível apreender isso, pois o título do capítulo é *Artimanhas da memória*, o qual trata de seu aparente desapontamento em relação a memória que tinha de um lugar e o lugar *real*, suas lembranças se imbricam ao novo acontecimento, formando uma nova lembrança em potencial. Vejamos o excerto do qual estamos falando:

Entrei em polêmica com o menino e o adolescente que ainda me habitam clandestinamente, pois ambos insistem diabolicamente em me provar que a verdadeira Place de Vosges não era a concreta, a real, a que está em Paris e que o meu eu adulto *viu*, nem mesmo a sua reprodução no magazine, mas sim a memória dessa estampa – a imagem que me ficou impressa na mente, com toda a sua **carga de tempo e fantasia**. (Não será este um bom ponto de partida para discutir problemas de arte, principalmente de ficção e pintura? Mas não agora – pelo amor de Jeová! – pois mal acabamos de chegar a Israel e estamos cansados). (VERISSIMO, 1969, p. 6).

Antes de discutir sobre memória e suas versões, e sobre a noção de História proposta por Erico Verissimo neste relato de viagem, vamos tratar de sua concepção de judeu como bode expiatório da História da Humanidade.

O Judeu como bode expiatório

Erico Verissimo discorre, com precisão, sobre a História do Judaísmo, relata-nos detalhes para entendermos o porquê de considerar este povo o “bode expiatório” da História da Humanidade. De acordo com as escrituras sagradas, por volta de 1800 a.C, Abraão recebeu um sinal de Deus para abandonar o politeísmo e para viver em Canaã (atual Palestina). Isaque, filho de Abraão, tem um filho chamado Jacó. Num certo dia, luta com um anjo de Deus e tem seu nome mudado para Israel. Os doze filhos de Jacó dão origem as doze tribos que formavam o povo judeu. Por volta de 1700 a.C, o povo judeu migra para o Egito, porém são escravizados pelos faraós por aproximadamente 400 anos. A libertação do povo judeu ocorre por volta de 1300 a.C. A fuga do Egito foi comandada por Moisés, que recebe as tábuas dos Dez Mandamentos no monte Sinai. Durante 40 anos ficam peregrinando pelo deserto, até receber um sinal de Deus para voltarem para a terra prometida, Canaã.

Jerusalém é transformada num centro religioso pelo rei Davi. Após o reinado de Salomão, filho de Davi, as tribos dividem-se em dois reinos: Reino de Israel e Reino de Judá. Neste momento de separação, aparece a crença da vinda de um messias que iria juntar o povo de Israel e restaurar o poder de Deus sobre o mundo.

Em 721 a.C, começa a diáspora judaica com a invasão babilônica. O imperador da Babilônia, após invadir o reino de Israel, destrói o templo de Jerusalém e deporta grande parte da população judaica. Segundo Erico, o aparecimento da figura messiânica de Jesus Cristo enaltecera a aversão aos judeus e aumentara as perseguições:

No ano 63 a.C. as legiões de Roma conquistaram a Palestina. Era Herodes o rei dos judeus quando surgiu a figura incomparável de Jesus Cristo, o revolucionário cuja palavra de fé e cuja mensagem em prol da dignidade do homem, da paz, do amor e da justiça acabaria por abalar o império romano. Alguns anos após a crucifixão de Jesus sob Pôncio Pilatos, Tito destruiu Jerusalém e seu Templo e assim começou a Diáspora com D maiúsculo, e com ela uma outra prova muito séria para a sobrevivência da fé judaica. Como resultado da dispersão e da fragmentação do povo israelita no tempo e no espaço, criaram-se duas espécies de judaísmo: o da Palestina e o da Diáspora. Foi depois de perderem na Palestina a sua pátria no espaço que os judeus, na sua pátria no tempo, fortaleceram ainda mais o seu pensamento religioso. (VERISSIMO, 1969, p.51).

No século I, os romanos invadem a Palestina e destroem o templo de Jerusalém. No século seguinte, destroem a cidade de Jerusalém, provocando a segunda diáspora judaica. Após estes episódios, os judeus espalham-se pelo mundo, mantendo sua cultura e sua religião. Em 1948, o povo judeu retoma o caráter de unidade após a criação do estado de Israel.

Nesse entrementes de Diásporas, perseguições, exílios, voltas, Verissimo (1969), tem uma explicação para os acontecidos:

Sempre que uma nação emergia depauperada e desiludida duma guerra ou se debatia numa crise econômica ou política (ou em ambas, como era mais frequente) tornava-se necessário apresentar ao povo um bode expiatório, uma válvula de escape para a indignação ou a humilhação nacional. E lá estavam os judeus, um alvo *natural* por muitos motivos – pela sua insistência em manter a “raça”, pelo apego ao seu Deus e aos seus livros religiosos, pela sua tradição de martírio e, principalmente, por causa de todos os defeitos e crimes que lhes imputava uma triste e sinistra mitologia. De certo modo pode-se dizer que maltratar, discriminar, isolar o judeu era uma espécie de jogo folclórico cristão. E em fins do século passado os russos inventaram o pogrom, isto é, o massacre institucionalizado, organizado contra os judeus com o consentimento do governo e cuja finalidade era desviar a atenção do povo dos problemas nacionais do momento, espécie de trágico circo em tempo de escassez ou carência de pão (VERISSIMO, 1969, p.55).

Na Idade Média, época difícil, com escassez de alimentos e muitas doenças incuráveis, os judeus também serviram de depósito da culpa para os males da sociedade de algures:

Depois da Peste Negra (1348-1349) acusados falsamente de envenenar a água dos poços, lagos e rios das regiões onde viviam, os judeus alemães foram vítimas de grandes massacres. Os sobreviventes fugiram em numerosas levas para a Polônia e a Rússia, onde de certo modo, com o passar do tempo, acabaram por formar uma espécie de classe intermediária entre os poderosos senhores de terras e a plebe, exercendo certas atividades comerciais e profissionais que os ricos em geral consideravam abaixo de sua dignidade e os pobres acima de suas possibilidades ou habilidades (VERISSIMO, 1969, p. 53).

E, em tempos mais recentes, na grande catástrofe que foram a Primeira e Segunda Guerras Mundiais, mais uma vez os judeus, segundo o autor de *Israel em Abril*, foram tomados como os responsáveis tanto pelo estopim do conflito quanto aos resultados lamentáveis:

Ao tomar o poder na Alemanha em 1933, Adolf Hitler, seguindo por assim dizer uma “tradição” medieval alemã, encontrou nos judeus – que com toda certeza já odiava por outros motivos, históricos ou mitológicos – o bode-expiatório ideal para os desastres do Segundo Reich: a derrota que os aliados lhe haviam infligido, as condições humilhantes do Tratado de Versalhes, a bancarrota econômica e moral da Alemanha e todas as suas desordens internas. Seguiu-se então um dos períodos mais trágicos da já trágica história do povo judeu: as humilhações, as colônias de trabalhos forçados, os campos de concentração em que os nazistas se empenharam em aviltar, torturar e por fim liquidar metodicamente os judeus, não só alemães como os dos outros países por eles conquistados (VERISSIMO, 1969, p.58).

Depois do esfacelamento dos judeus por Adolf Hitler, criou-se, numa espécie de pagamento de uma dívida que o mundo tinha para com os judeus, o Estado de Israel, em 1948. Na época, a Palestina era concessão britânica e, portanto, os ingleses tentaram, de muitas formas, barrar o desembarque dos refugiados judeus que precisavam de ajuda, o que sensibilizou a opinião pública mundial. A terra passou a ser chamada, para os judeus, como a Terra Prometida, para onde levaram todo seu potencial financeiro e tecnológico e passaram a construir seu país.

A terra, no entanto, já era habitada, e a partir disso, foi então revigorada a criação de um Estado judeu na Palestina e, durante uma assembleia da ONU, no ano de 1947, foi decretado que a Palestina seria dividida em dois estados, sendo que um seria Judeu e outro Árabe. Em 1948, foi, finalmente, fundado oficialmente o Estado de Israel. No entanto, o Estado árabe, também determinado pela ONU nesta reunião, no entanto, não foi criado até os dias atuais, o que torna essa luta constante e, como afirmou Erico Verissimo já na década de sessenta “Integrar essas minorias e formar com elas uma nação homogênea – parece-me – está sendo um dos muitos problemas do Estado de Israel” (VERISSIMO, 1969, p. 63).

Conforme previra Erico Verissimo na época de sua visita ao Estado de Israel, a criação de uma nação, ou melhor, a divisão de um território e concessão de uma parte ao

povo judeu, criou muitos problemas, mais acentuados do que quando viviam em diáspora, pois “Especialmente agora que se tornaram mais vulneráveis criando uma espécie de nação-gueto” (VERISSIMO, 1969, p.321).

E o mais espantoso e que torna gritante a noção pessimista de História é o fato, assinalado por Verissimo, de que os judeus, ao se verem um pouco estabilizados, cometeram os mesmos atos que seus algozes:

De todas elas nenhuma lança uma luz mais sinistra sobre a natureza humana do que o fato de os judeus nacionalistas de novo estilo, no dia seguinte à mais pavorosa das muitas perseguições sofridas pela sua raça, empenharam-se sem perda de tempo a demonstrar, à custa dos árabes da Palestina, que a lição aprendida pelos sionistas nos sofrimentos que os nazis infligiram aos hebreus foi, não a de evitar de cometer o crime idêntico ao de que haviam sido vítimas, mas perseguir por sua vez um povo mais fraco do que eles. (VERISSIMO, 1969, p.153).

Nesta perspectiva, a História é, indubitavelmente, um rosário de crimes como definira Erico Verissimo em *Israel em Abril*, e o reiterou em outros de seus romances.

A noção pessimista da História

Acerca de Israel, Erico Verissimo declara: “Os quase quatro mil anos da história deste povo constituem um dos capítulos mais apaixonantes, exasperantes e inverossímeis da crônica da espécie humana” (VERISSIMO, 1969, p.46). Acrescentamos a esta constatação a noção de história não linear e não oficial, ou seja, o fazer histórico em que todos os relatos são importantes e influenciam a crônica dos fatos. Dessa forma, a História não é estática, o passado está sempre a avançar no presente e recebendo deste novas descobertas e interpretações. Conforme Walter Benjamin (1994),

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem

dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos (VERISSIMO, 1994, p.223).

Seguindo a linha de raciocínio de Benjamin, o relato de Erico Verissimo sobre sua viagem a Israel, suas impressões sobre as cidades, sobre os acontecimentos recentes e de outrora, suas definições pessimistas dos ocorridos e do porvenir, constituem uma preciosidade para a História da humanidade e ajudam a enriquecer a crônica histórica.

Uma vez que Erico não tem compromisso com a História Formal, ele se vale de metáforas altamente profícuas para discorrer sobre suas impressões, como é o caso de sua definição de Jerusalém:

Alguém já ouviu falar em coração que pudesse pulsar separado do corpo a que pertence, continuando a alimentá-lo do mais quente e rico sangue? Pedindo perdão pela metáfora que me ocorre na sonolência deste fim de viagem – direi que tal é o caso de Jerusalém, coração do Estado de Israel, ao qual está ligado pelo estreito e perigoso corredor que corta território jordaniano, e ao longo do qual nosso carro agora rola, cerca das onze da noite deste longuíssimo sábado de aleluia (VERISSIMO, 1969, p.219).

O autor de *Israel em Abril*, não raras vezes, é, além de pessimista, definindo a História como um rosário de crimes, também irônico, questionando-se sobre sua própria concepção: “Curioso: até um sujeito como eu, que tanto tem lido sobre semântica geral, fala na História como se se tratasse duma pessoa, talvez duma senhora gorda, tremendamente poderosa, imprevisível e não raro perversamente absurda” (VERISSIMO, 1969, p. 49).

Walter Benjamin vem corroborar com Erico Verissimo em sua visão pessimista, porém profícuas da História, na medida em que ambos valorizam as diversas matizes de um acontecimento. O teórico alemão afirma que “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 1994, p.224).

Ao visitar Sefad, bela cidade de Israel, centro espiritual e cidade turística, Verissimo afirma que “Cada pedra dessas, cada canto de rua, cada telhado, minarete,

cemitério pode incendiar-nos a imaginação” (VERISSIMO, 1969, p.103). Frase esta que resume a supracitada teoria benjaminiana, ou seja, a de que a História está em tudo, em todos, e em constante vir-a-ser.

Além da noção de História, Erico Verissimo nos fornece subsídios para a discussão sobre esquecimento e memória. Embora o esquecimento seja pertinente ao se relatar os acontecimentos, pois ele faz parte das modificações que os fatos sofrem a cada instante temporal, muitas vezes ele é maléfico, e deve ser evitado.

Uma vez que toda análise sobre os fenômenos mnemônicos carrega, mesmo que de forma implícita, os percalços e vantagens do esquecimento, Henri Bergson, em *Matéria e memória* (1999), ressalta que, nas atualizações das lembranças, as quais atravessam os tempos passado, presente e futuro, o olvido se entrecruza às rememorações, modificando-as: “O esquecimento designa então o caráter despercebido da perseverança da lembrança, sua subtração à vigilância da consciência” (BERGSON, 1999, p.180).

Entretanto, é necessário se esforçar para não esquecer de genocídios e guerras, pois, além de constituírem fonte de entendimento do pretérito, eles servem de alerta para que não sejam repetidos ou imitados. Verissimo preocupa-se com o olvido de más lembranças e, destarte, da falta de indignação do ser humano perante barbaridades, como se estas fossem “normais”:

Um dos traços mais horripilantes de nossa época é que estamos aos poucos **perdendo a capacidade de indignação**. Aceitamos pragmaticamente a destruição de Hiroxima e Nagasáqui pela bomba atômica. Dentro de alguns anos mais teremos **esquecido** por completo o que os nazistas fizeram com milhões de judeus e não-judeus nos campos de concentração e extermínio. Hoje em dia começamos a aceitar com uma indiferença criminosa o massacre, a injustiça, o genocídio. Qualquer desculpa nos serve para apaziguar a consciência e coonestar nosso conformismo. Mas em verdade te digo que, enquanto existirem no mundo homens com capacidade de indignação, os tiranos não poderão dormir em paz! (VERISSIMO, 1969, p.93).

Dessa forma, não podemos esquecer dos genocídios. As obras que tratam de capítulos horripilantes da História, como o dos judeus, merece atenção, pois constituem um patrimônio mnemônico.

Sobre memória, Erico Verissimo, através de seu relato de viagem, corrobora com as teorias de Henri Bergson e Paul Ricouer. Ambos teóricos definem a memória como um ininterrupto vir-a-ser de fragmentos temporais.

Paul Ricouer, em *A memória, a história e o esquecimento* (2007), utilizando como premissas as ideias de Bergson acerca da memória, e de Martin Heidegger, sobre a relação do ser no tempo, afirma que o tempo só existe na memória, porque através da atualização das lembranças podemos distinguir um antes e um depois: “A busca da lembrança comprova uma das finalidades principais do ato de memória, a saber, lutar contra o esquecimento, arrancar alguns fragmentos de lembrança à rapacidade do tempo” (RICOEUR, 2007, p.132).

Ele distingue as lembranças-percepção, que são os reconhecimentos instantâneos do mundo que nos cerca, e as lembranças-hábito, que envolvem a repetição dos conhecimentos adquiridos, bem como a atualização de traumas ou imagens arquetípicas que fazem parte do legado cultural.

As lembranças traumáticas são dialéticas, pois: “O que uns cultivam com deleite lúgubre e outros evitam com consciência pesada, é a mesma memória-repetição. Uns gostam de nela se perder, outros temem ser por ela engolidos” (RICOEUR, 2007, p.93).

Verissimo, por sua vez, contribui com uma definição de memória peculiar:

Fecho os olhos. E esse prodigioso computador que é a memória – alimentado, programado durante anos com pinturas, fotografias de cartões-postais, ilustrações de livros e revistas, descrições literárias, canções, sermões, superstições, etc, etc, etc, como a Semântica Geral nos manda acrescentar sempre – essa mágica engenhoca envia ao consciente imagens de Jerusalém, cidade importantíssima na geografia de minha imaginação. Estou ansioso por comparar essas “figurinhas” com o seu original em carne e osso ou, antes, em terra, pedra, céu, ar, gente, vegetação, vida e mistério (VERISSIMO, 1969, p.226).

Para fechar, por ora, a discussão sobre História, memória e esquecimento, é válido mencionar mais uma das proverbiais observações de Erico Verissimo, a saber, estava o escritor no banho e, rememorando o que afirmara Mario Quintana quando as tropas nazistas invadiram Paris, dizendo que nem os alemães nem ninguém poderiam tomar a bela cidade, uma vez que esta é um estado de espírito, ele se indaga: “Pergunto-

me agora se ser judeu não é também um estado de espírito” (VERISSIMO, 1969, p.136). Os judeus sofreram, ao longo da História, todo tipo de perseguições e injustiças, mas o que os constituiu como povo foi a memória, mesmo não tendo uma “pátria”, o que os unia e os mantinha tenazes era o que compartilhavam de patrimônio cultural e mnemônico.

Considerações finais

Indubitavelmente a obra *Israel em abril* é parte do patrimônio material mnemônico, pois abarca informações não apenas sobre a viagem que Erico Verissimo fez à Israel, mas, através de sua narrativa, apreendemos o sofrimento do povo judeu ao longo do tempo e a tentativa de se consolidar como nação logo após a criação de uma pátria dita judia.

A partir da crônica dos percalços dos judeus, o escritor reitera sua concepção, já enaltecida em obras anteriores, de que a História é uma sucessão de genocídios e de que a memória é ininterrupta em suas transformações.

Além disso, interessante é que Erico admoesta os leitores quanto ao fato de que o mínimo que podemos fazer ante os crimes históricos é não perder a capacidade de indignação, jamais!

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política* 7 ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. v.1.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. 2. ed. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. de Alain François (et al). Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

VERISSIMO, Erico. *Israel em Abril*. Porto Alegre: Globo, 1969